

O CONCEITO DE ESCLARECIMENTO E O EDUCAR EMANCIPATÓRIO EM THEODOR ADORNO

THE CONCEPT OF CLARIFICATION AND EMANCIPATORY EDUCATION IN THEODOR ADORNO

*Emanuelle Beserra de Oliveira¹
Hildemar Luiz Rech²*

Resumo: A partir do conceito de esclarecimento desenvolvido por Theodor Adorno pretende-se lançar um olhar acerca dos problemas enfrentados pela educação contemporânea a fim de identificar o processo de semiformação oriundo de uma sociedade que se afirma esclarecida. Com o advento da ciência e do avanço tecnológico, a humanidade acredita ter atingido a autonomia necessária para conduzir de maneira livre suas escolhas. Estaria o homem em seu mais alto grau de esclarecimento? O que se percebe é uma sociedade cada vez mais submissa aos moldes que lhe são impostos. Desde a metade do séc. XX até os dias atuais a preocupação acerca do papel educacional se intensificou, isto porque o mundo sofreu significativas mudanças e passou a colocar lado a lado os modelos retrógrados de ensinar e as novas tecnologias que se apresentam. O avanço tecnológico por sua vez condiciona o homem a uma nova forma de dominação, o da racionalidade técnica. Neste contexto nasce o homem semi formado, dotado de uma educação incompleta, ausente de reflexões críticas e ativas. Será diante desse quadro apresentado que deve-se pensar os desafios da educação contemporânea, no qual lançamos a pergunta: diante de um mundo de barbárie onde a emancipação se consolidará?

Palavras-Chave: Educação. Adorno. Teoria Crítica. Formação.

Abstract: Based on the concept of clarification developed by Theodor Adorno, it is intended to take a look at the problems faced by contemporary education in order to identify the process of semi-formation arising from a society that claims to be enlightened. With the advent of science and technological advancement, humanity believes that it has achieved the necessary autonomy to freely conduct its choices, would man be in his highest degree of enlightenment? What is perceived is a society increasingly submissive to the molds imposed on it. Since the middle of the century. XX up to the present day the concern about the educational role has intensified, this because the world has undergone significant changes and started to place side by side the backward models of teaching the new technologies that are presented. Technological advances in turn condition man to a new form of domination, that of technical rationality. In this context the semi-formed man is born, endowed with an incomplete education, absent from critical and active reflections. It will be in the face of this presented framework that we must think about the challenges of contemporary education, where we pose the question: in the face of a world of barbarism where emancipation will be consolidated?

Keywords: Education. Adornment. Critical Theory. Formation.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará, na linha Filosofia e Sociologia da Educação. Mestre em Filosofia pela UECE. Pesquisadora do Grupo “Walter Benjamin e a Filosofia Contemporânea” (Cnpq). Brasileira, residente em Fortaleza-CE. E-mail: manubazik@hotmail.com. ORCID - 0000-0002-3863-7491

² Doutor em Ciências Sociais pelo IFCH da UNICAMP, SP, e pela Universidade de Manchester, Inglaterra; professor titular no Depto. Fundamentos da Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação na FAGED-UFC; pesquisador nos Programas PROCAD/CAPES e do LABOR/UFC. Integrante da linha de pesquisa e ensino “Filosofia e Sociologia da Educação”, no eixo Filosofia, Política e Educação. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. E-mail: hluizrech@gmail.com. ORCID - 0000-0002-5825-1887

Introdução

É importante destacar que muitos teóricos para além do campo da pedagogia voltam seu olhar para pensar o papel educacional na sociedade industrial. A educação há tempos perdeu seu caráter emancipatório. Ao fixar e reproduzir internamente os pilares do capitalismo, sobretudo, a competição, o culto ao mérito e a premiação pelo desempenho, a escola se tornou um ambiente de exclusão e de preparação de futuros autoritários.

Diante do mundo administrado, a desumanização nega ao indivíduo os pressupostos para a sua formação. Até mesmo o tempo livre que deveria ser destinado a formação do indivíduo hoje é invadido pelos produtos lançados a todo o momento pela *Kulturindustrie*³. A formação se baseia numa educação que submetida à ordem vigente se configura numa educação autoritária, uma educação da competitividade o que não evita as possibilidades destrutivas que o homem traz consigo.

A indústria cultural, reflexo de uma sociedade esclarecida mitificada, impede a capacidade humana de agir com autonomia. Esta vulgarizou a arte e atingiu os indivíduos diminuindo sua capacidade de autorreflexão. Indivíduo tal que ao ter sua consciência dominada pela comercialização e banalização dos bens culturais, não consegue se libertar desse sistema que dita regras e determina o que cada um deva fazer.

Ao fim da década de 50, a razão instrumental mercantilizada que dominava ideologicamente a sociedade e a escola, instalava um esquema de adaptação progressista, fato que fez Theodor Adorno afirmar que “as condições da própria produção material dificilmente toleram o tipo de experiência sobre a qual se assentavam os conteúdos formativos da época” (ADORNO, 2003, p. 18). Hoje essa aceleração tecnológica aumenta desenfreadamente com a presença da razão *instrumentalizada* no seio da sociedade e da escola. Mostrando os pressupostos para a formação, tais como: o uso de tempo livre para se dedicar a si, o respeito ao mestre em sala de aula e o uso de disciplinas que incentive especulações críticas estão desaparecendo no mundo administrado.

³ Termo cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer no livro “Dialética do Esclarecimento” de 1947. O termo se refere a transformação da arte em mercadoria, fato que desencadeia diversos sintomas na sociedade administrada.

Defender um processo educacional capaz de criar e manter uma sociedade baseada na dignidade e no respeito às diferenças é um dos princípios da *teoria crítica* adorniana. Para Adorno, o mundo se encontra danificado pela falta de capacidade dos indivíduos de resistir ao processo de alienação. Mesmo quando a educação considerada ideal estiver limitada e condicionada a uma realidade nada promissora, Adorno prega um projeto pedagógico que consiga libertar da opressão e da massificação, já que, segundo ele, a escola instala e cultua esta massificação, resultando na deformação da consciência.

Apesar de ser um teórico difícil de sintetizar, percebemos, com o estudo de sua obra, uma forma de articular seus conceitos de tal maneira que estes conseguem passear por toda sua bibliografia sempre em prol de uma preocupação maior: devolver ao indivíduo seu potencial crítico.

1. O esclarecimento mítico

A crítica ao conceito de esclarecimento se mostra pertinente para adentrar ao pensamento dos teóricos frankfurtianos Theodor Adorno e Max Horkheimer. Na obra, escrita a quatro mãos, *Dialética do Esclarecimento* (1947), nos deparamos com um primeiro capítulo que se dedica a apresentar o conceito de esclarecimento. Tal apresentação nos conduz a uma leitura densa e histórica na qual os autores buscam desde os primórdios da civilização mostrar que o homem sempre almejou o conhecimento e dessa forma ser esclarecido. O que fica evidente desde o início é que essa inclinação ao saber tem como objetivo “livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17).

O programa do esclarecimento seria o desencantamento do mundo, tornando-o calculável e previsível. O homem acredita que sua superioridade frente a natureza o conduz ao progresso e ao domínio de toda técnica descoberta. Para Adorno “o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens” (1985, p. 18). Dessa forma o esclarecimento elimina o resto de sua própria autoconsciência.

A ciência se mostrar superior ao mito por abandonar suas narrativas fantasmagórica e alegóricas, buscam a exatidão e temporalidade para explicar o mundo, mas o que não se pode negar é que os mitos ao buscar respostas para a realidade

carregam um entendimento, mesmo que impreciso, acerca da realidade, o que faz Adorno constatar que as narrativas míticas carregavam um ar de esclarecimento. O mito que foi outrora criticado e combatido hoje se converte no próprio esclarecimento e o esclarecimento por sua vez em mito.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O Homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21)

O esclarecimento, promessa do iluminismo, se converteu em uma nova forma de dominação, através da mitificação da ciência, uma vez que o conceito de consciência esclarecida foi frustrado, condicionando a reflexão de Adorno, a deduzir dessa frustração, a *Dialética Negativa*⁴ (1966). O indivíduo, constituído por um processo empobrecido de socialização, numa cultura administrada pelos interesses mercantis, se apega à ilusão de satisfação imediata e vive relações humanas individualistas, tornando as relações sociais mediatizadas.

A sociedade, ao desenvolver as forças de produção, modernizou os meios técnicos criando um “véu tecnológico”⁵ sobre a sociedade e a ilusão de que uma sociedade emancipada já estaria realizada. Contudo, o cerne da questão é que o desenvolvimento das forças produtivas não se fez acompanhar do desenvolvimento das relações humanas de trabalho; contrariamente, as relações sociais se coisificaram⁶ numa progressiva desumanização, fazendo com que a reificação alcance até as emoções íntimas do homem, onde a existência das dimensões morais, éticas, políticas sejam subordinadas aos interesses do capital, condicionando a sociedade a uma barbárie.

⁴ *Dialética Negativa* é uma das obras fundamentais de Adorno e, dentre os seus trabalhos mais sistêmicos, é o mais bem acabado. Na origem, dever-se-ia constituir em um dos três pilares do pensamento do filósofo, juntamente com *Teoria Estética* e um projeto sobre filosofia moral, que nunca chegou a ser concretizado.

⁵ Expressão utilizada por Adorno para designar o modo como os meios tecnológicos cegam ou deturpam nossa visão.

⁶ Diante do mundo danificado perdemos a noção do humano. Nos tornamos coisas e tratamos os outros como coisas.

A ciência que busca a compreensão do mundo de forma objetiva se firma com traços de progresso e retrocessos, ao colaborar em uma sociedade pautada em princípios mercantis fica presa a uma técnica que anula a subjetividade. Emancipação e conhecimento estão relacionados a um fator comum, o esclarecimento, por isso a necessidade de perceber essa crítica ao ideal de esclarecimento que a sociedade moderna carrega como libertação. O que Adorno percebe é um remanejamento de dependência, pois uma vez livres do fanatismo religioso, os indivíduos se inseriram num novo fanatismo: o do progresso da dominação técnica. A educação que deveria servir para formar o indivíduo fazendo-o superar a ideologia dominante, é também capturada e auxilia no processo de dominação, deixando clara a “regressão” da humanidade - em um retorno da cultura à barbárie.

Adorno, em seu texto *Teoria da Semiformação* (1959), tenta refletir acerca do fracasso formativo que se apresentava em uma sociedade que acreditava estar esclarecida, dando lugar a uma semiformação generalizada. Entendendo formação como a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva, Adorno percebe que a arte-cultura tanto se adapta a vida real como busca a autonomia do indivíduo: “a formação tem como condições a autonomia e a liberdade, no entanto, remete sempre a estruturas previamente colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se” (ADORNO, 2003, p. 11). O que fica claro é que diante do mundo administrado, a desumanização nega ao indivíduo os pressupostos para a sua formação.

2. Educação para quê?

É fato que Theodor Adorno não é um pedagogo, tampouco um filósofo que tem um sistema acerca da educação, no entanto, suas ideias são atuais e necessárias para se pensar o papel que a educação deva ter na sociedade que hoje é administrada pela lógica do capital. Seu pensamento se torna pertinente, pois parte de conferências proferidas entre os anos de 1959 a 1969, em parceria com a Divisão de Educação e Cultura da Rádio do Estado de Hessesen, nas quais tratava de temas educacionais da atualidade, hoje compiladas na obra *Educação e Emancipação* publicada pela primeira vez em 1971. É certo que seus pensamentos partem da realidade alemã, mas que pode ser pensado no mundo inteiro, pois a educação que priva o sujeito da reflexão é expressa em todo o mundo que atesta a legitimidade do sistema capitalista. Vivemos a era da

Semiformação (*Habbildung*), assunto tratado pelo filósofo para pensar a formação incompleta que, hoje, o indivíduo recebe.

A maneira com que cada um imagina o papel da educação é o que direciona à prática escolar. A forma dinâmica que o professor conduzirá o que se deve aprender, deve levar em consideração a formação de um pensamento crítico, já que a educação é responsável pela formação pessoal dos cidadãos do futuro. Deixar de lado a capacidade crítica e reflexiva, é privar o indivíduo de compreender na totalidade a realidade que lhe apresentada.

Diante das exigências que esse mundo contemporâneo nos faz, a grande questão que se abre paralela a pergunta para quem educação? É: para que não serve a educação? Tal questão também deve ser pensada, pois será ela que abrirá espaço para onde a educação deve ser conduzida dentro do mundo administrado. Condução esta que vai para além das estruturas institucionais e os veículos que a educação se vale, mas sim pela objetividade do que o processo educacional deve proporcionar.

Vivemos em um mundo bárbaro, onde o instinto primitivo que habita os indivíduos os condiciona a hostilidade para com o outro. A barbárie é inerente ao homem e ninguém está livre dos traços da barbárie, pois se encontra dentro do contexto de culpabilidade do próprio sistema, a educação contra a barbárie é a tentativa de “orientar esses traços contra o princípio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção a desgraça” (ADORNO, 1995, p. 158). É interessante destacar o que o filósofo Theodor Adorno entende sobre este termo:

Algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não termos em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo, ou na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza.(ADORNO, 1995, p. 155)

Para Adorno (1995), superar a barbárie é algo decisivo para a sobrevivência da humanidade. Combater à barbárie através de uma educação formadora é combater através da reflexão dos próprios objetos que se encontram no sistema social. Tais objetos são: os condicionamentos políticos, culturais, dogmáticos e religiosos que propiciam à barbárie, independente de cada indivíduo.

A educação se reproduz através de estruturas que não condiciona a sua transformação, somente atesta sua própria falência em uma mera transmissão de conteúdos e cumprimentos de prazos. A educação é muito mais do que simples números e clientela. Ela tem a possibilidade de encaminhar o homem ao esclarecimento, em busca de uma consciência verdadeira. Para Adorno a educação não deve ser vista como uma “modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior, mas também não a mera transmissão de conhecimentos, mas a produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 1995, p. 141).

Uma educação para uma livre consciência é uma exigência política, pois dentro de uma democracia, deve-se operar seu conceito de forma efetiva. A democracia demanda pessoas emancipadas, uma sociedade que se diz democrática só pode ser efetivamente uma se formada por uma sociedade emancipada. Dentro da democracia aquele que defender ideias contrárias a emancipação é um antidemocrático. Mas como a emancipação se consolidará em uma sociedade que está organizada envolvida por uma ideologia dominante? O que dificulta cada vez mais essa resposta é o fato de que a própria organização de mundo hoje se converteu em “si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação” (ADORNO, 1995, p. 143).

A questão é que para pensar hoje uma educação capaz de romper com os esquematismos que a sustentam, devemos adaptar a própria educação preparando o homem para se orientar nesse mundo que o captura e promove sua semiformação⁷. O que o mundo precisa é de uma educação de alerta, favorável a tornar indivíduo senhor de si, fato que só se confirmará quando este se der conta de sua própria dominação. Todos acham que são livres, mas que liberdade é esta? Liberdade falseada por relações esvaziadas que se estabelecem e parecem preencher as lacunas afetivas de cada indivíduo quando na verdade nunca chegam a realizar aquilo que promete.

A educação ao se desenvolver, estabeleceu novas diretrizes e matrizes curriculares que significativamente aumenta uma carga horária excessiva em matérias ditas “mais importantes”, sabemos que ao estabelecer importâncias entre matérias estamos abrindo espaço para a competição e desigualdade entre elas. Os alunos já recebem da própria instituição a noção de que matéria é mais necessária, domesticando a mente do mesmo para o que se deve ou não ter mais atenção. O que isso condiciona é

⁷ Semiformação ou *Halbbildung* é a determinação social da formação na sociedade contemporânea capitalista. Formação esta que se apresenta de forma incompleta.

um empobrecimento do repertório de imagens, da linguagem e de toda expressão. As instituições passam a uma educação seletiva, onde a distribuição da própria carga horária destinada a cada matéria, estabelece qual tem mais valor e deve prevalecer.

Se queremos pensar para que serve a educação? Ou melhor para onde esta deve ser conduzida? Devemos partir de dentro da própria instituição, pois ela é o principal veículo que direciona a educação e entender para o que ela não deveria servir. Hoje, temos uma educação como mercadoria e seus alunos clientes que devem obter resultados efetivos para fazer valer a compra. A educação não deveria ser vista como mercadoria, pois nesse sentido perde o caráter emancipador e se converte numa educação para a competição, a melhor escola será aquela com melhores resultados impressos, não importa o nível de consciência e que cidadão está formando, mas sim em quantos alunos estarão nos “outdoors” espalhados pela cidade, justificando o preço que se paga.

Dessa forma é que chegamos à resposta: para que não serve a educação? Ela não deveria servir a leis do mercado, ao sistema opressor e dominante que invade suas particularidades e enfraquece a formação do eu, a subjetividade é atingida e percebemos uma educação que em vez de libertar o indivíduo o aprisiona em uma formação incompleta. O indivíduo semiformado se torna cada vez mais individualista e se sente parte do processo, inserido por isto mesmo.

Mesmo assim penso que atualmente a sociedade premia em geral uma não-indivuação; uma atitude colaboracionista. Paralelamente a isso acontece aquele enfraquecimento da formação do eu, que de há muito é conhecida da psicologia como “fraqueza do eu”. Por fim, é preciso lembrar também que o próprio indivíduo, e, portanto, a pessoa individualizada que insiste estritamente o interesse próprio, e que, num certo sentido, considera a si mesma como fim último, também é bastante problemática. Se hoje o indivíduo desaparece, então também é verdade que o indivíduo cole o que ele mesmo semeou. (ADORNO, 1995, 153)

Dentro desse campo que valoriza uma identidade coletiva e que a educação favorece essa não-indivuação, o indivíduo só sobreviverá enquanto “núcleo impulsionador da resistência” (ADORNO, 1995, 154). A educação deve favorecer a formação da individualidade e da função deste na sociedade, no entanto, no mundo contemporâneo conciliar o homem formado em si mesmo e seu funcionamento na sociedade se tornou irrealizável, pois ao tentar obter a individualidade o homem acaba

em um individualismo que o assemelha aos demais forjados por um sistema que promove a competição.

3. Racionalidade técnica e Educação

Diante do avanço da tecnologia, a educação se encontra equilibrando forças de um sistema que envolve toda a sociedade. De um lado percebemos a adesão das novas tecnologias para servir a educação, auxiliando o professor na metodologia aplicada em sala. Por outro lado, temos a tecnologia que condiciona o indivíduo e o torna cada dia mais dependente. São duas forças que exigem cuidado e atenção na educação contemporânea, pois da mesma forma que a tecnologia pode ampliar o processo cognitivo de forma interativa, ela também pode manter a sociedade presa por suas próprias criações o condicionando a uma *semiformação* que passou a ser a forma dominante da consciência atual.

“O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17), mas uma vez livre do medo do mito, o homem passou a se submeter ao poder da razão instrumental⁸. A *Kulturindustrie* (Indústria cultural) atuará na manutenção da razão instrumental interferindo na objetividade e na subjetividade, que, além disso, pratica uma falsa reconciliação entre o universal e o particular. O consumidor acredita ser o dono de si, como a indústria cultural gosta de fazê-lo crer, porém ele não é o sujeito dessa indústria, mas, sim, seu objeto.

Adorno em sua obra *Teoria da Semiformação*, faz um alerta acerca das mudanças que a educação necessita, no entanto,

reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Podem até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes as reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural, as considerações sobre sua atualidade e sobre os inúmeros aspectos de suas relações com a sociedade, pois para elas a própria categoria formação já está definida a priori. (ADORNO, 2003, p. 2)

⁸ Termo utilizado por Marx Horkheimer no contexto de sua teoria crítica para designar o estado em que os processos racionais são totalmente operacionalizados, à esta razão pode se opor a razão crítica.

Precisa-se delimitar e entender o ponto que mais sufoca a educação hoje, entender que educar vai para além de transmissão de conteúdo, a educação deve ser para a emancipação, palavra bastante difundida mas que se encontra cada vez mais distante da nossa realidade, pois os elementos para a emancipação não coexistem com o fatores que mantém o sistema erguido. Emancipar significa libertar, e em uma sociedade lesada pela ideologia da dominação, o indivíduo perde a possibilidade de tornar-se autônomo e ser um Ser consciente.

A mudança precisa de coragem e decisão, Kant já afirmava em seu texto “Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento”⁹ que a preguiça e covardia impedia o homem de sair da menoridade, mostrando neste texto o homem menor como aquele que se encontra na tutela de outrem e não possui a capacidade de decidir por conta própria. Para mudar a educação, temos que pensar uma educação que encoraje, que tornem os indivíduos senhores de si. A educação deve ter em mente a ideia de emancipação no lugar de autoridade, sabe-se que os valores tradicionais carregam o nome da autoridade para fazer valer as regras do sistema, mas não precisamos de mais um meio de controle e sim de um meio onde a liberdade de expressão prevaleça. O mundo plural e heterogêneo nos convida a pensar a educação para a construção de indivíduos conscientes da realidade em que vivem. Deixemos para os opressores o papel de domesticar, para a educação o ato de formar, rompendo com a semiformação generalizada que se expande. O homem semiformado é o homem da barbárie, da exclusão e será papel da educação tirar o homem da covardia e preguiça, incentivá-los na busca pelo saber.

4. Educar para crítica

Para se pensar numa superação ao poderio da lógica do capital se faz necessário uma educação crítica. O sujeito deve ter consciência que faz parte do mundo, e é um ser ativo capaz de modificar e atuar na construção do mundo a sua volta, tornando-se uma antítese operante.

Ultrapassar os limites da educação tradicional, pautada em princípios que ela mesmo desconhece como opressores se torna cada vez mais difícil no mundo

⁹ Texto do filósofo iluminista Immanuel Kant, publicado em 1784.

contemporâneo. Mundo este que para se manter necessita cada vez mais de pessoas adeptas a sua ideologia, pessoas que “aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, com se aquilo que existe precisasse existir dessa forma” (ADORNO, 1995, p. 178). Manter a razão instrumental é manter de pé a sociedade apática.

Em um mundo onde a competição gera a todo momento brigas e guerras, como pensar uma educação que possa romper com essa lógica? Que mantém a produção de indivíduos mecânicos que por acreditarem em sua pseudoliberalidade acham que estão imunes ao processo de alienação.

O ponto principal de uma educação que condicione uma humanidade mais humana e consciente seria uma educação contrária a competição, pois fortalecer esse princípio é ir de encontro a uma educação humana. Como pensa Adorno,

Quando muito é possível educar desta maneira esportistas, mas não pessoas desbarbarizadas. Em minha própria época escolar, lembro que nas chamadas humanidades a competição não desempenhou papel algum. O importante era realizar aquilo que se tinha aprendido; por exemplo refletir acerca das debilidades do que a gente mesmo faz; ou as exigências que colocamos para nós mesmos ou à objetivação daquilo que imaginávamos; trabalhar no sentido de superar representações infantis e infantilismos dos mais diferentes tipos. (ADORNO, 1995, p. 162)

É interessante observar a fundo essa questão, pois pautamos a educação baseada em competições, sejam por mérito ou nota. Em um mundo bárbaro incentivar uma educação nesses moldes não ajuda na construção de uma sociedade emancipada. E dessa forma, o nome emancipação continuará a ser só títulos de trabalhos e uma verdadeira utopia.

O problema da educação não diz respeito somente ao projeto pedagógico que cada escola adota, mas sim ao problema que a humanidade comporta. Uma sociedade que não ousa romper com esquematismos, não conseguirá alcançar uma mudança substancial no campo educacional. Ficar limitada a reprodução de valores retrógrados, sem partir para o novo não formará agentes para o futuro. A educação precisa compreender que o mundo contemporâneo exige atenção, precisa de uma educação capaz de comportar toda essa gama de possibilidades que se abrem. Vivemos uma era onde a própria construção da identidade está comprometida, não podemos ignorar a efemeridade das coisas, o homem precisa tomar conta de sua história presente, senão viverá as sombras de um passado. Paramos de construir e deixar marcas, educamos para

assemelhar, padronizar, domesticar. Precisamos educar para o enfrentamento, para que o indivíduo tome conta de sua alienação e dentro dela ache os pressupostos de superação. Educar para a crítica, crítica de um mundo danificado que precisa barbarizar e mantém a lógica dominante girando sem parar.

Transformar, mudar sempre acarreta uma séria de entraves, pois em nosso mundo a mudança sempre é submetida a uma potência avassaladora do existente, condenando a própria transformação. Como atesta Adorno (1995), qualquer tentativa de superar à emancipação é submetida a resistências enormes. Devemos, pois mostrar que a mudança é necessária, tirar do campo da utopia e sugerir que educar é formar em todos os aspectos da vida. O professor será aquele que conduzirá essa formação, tentando ultrapassar os limites impostos pelo sistema e convidar a autorreflexão.

Adorno atenta para questionamento recebido por Kant em seu texto “Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento”? Sendo esta: “vivemos em uma época esclarecida?”, Kant respondeu que não, “mas certamente em uma época de esclarecimento”. Com essa resposta ele coloca a emancipação como um vir a ser, uma categoria não estática. Para o frankfurtiano essa ideia de viver no esclarecimento se tornou questionável, justamente pela pressão que os indivíduos recebem do mundo administrado. O termo emancipação se encontra ameaçado por todo lado, pois vivemos em uma sociedade

heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações, enquanto isso ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. (ADORNO, 1995, p. 181)

A grande questão deixada por Adorno (1995) é “se e como a gente” pode enfrentar o problema da emancipação. E para o autor será no âmbito institucional, sobretudo na escola que possamos trilhar um caminho para a emancipação, onde as pessoas interessadas, e aqui podemos destacar o papel dos professores e gestão, possam orientar toda sua energia para que seja promovida uma educação para a contradição e resistência. Sem dúvida, uma mudança substancial no âmbito educacional encontra potências que vão de encontro fazendo com que a mudança pareça impotente, mas aquele que queira transformar, romper, ousar ultrapassar os limites estruturais hoje impostos por uma educação regida pelas leis de mercado, “só poderá fazê-lo na medida

em que converter esta impotência, ela mesma, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz” (ADORNO, 1995, p. 185).

Considerações finais

Adorno confirma que o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, pois esta se encontra vinculada a uma determinada formação social. O teórico questiona o fato de a Alemanha culta de Goethe ter desembocado na barbárie nazista, fato que comprova que o domínio tecnológico sobre a formação cultural, ao invés de conduzir à emancipação, pode nos levar à *barbárie*¹⁰.

Sabemos que dentro do mundo atual, o processo educativo vem passando por grandes mudanças e atualizações técnicas e tecnológicas, os métodos aplicados em sala estão sempre tentando acompanhar as transformações para facilitar e modernizar o ensino-aprendizagem nas escolas. E mesmo com todas as mudanças será o professor o agente norteador de todo o processo, a relação entre professor e aluno é a principal ferramenta de ensino. O mercado dita as regras, mas ao professor cabe a tarefa de entrar dentro do sistema e superá-lo, despertando no aluno a vontade do aprender consciente. Por mais moderna que seja hoje a escola, ela carrega ainda valores tradicionais que mantem a ideologia dominante, e que perpetua a manutenção da mesma. A educação deve ultrapassar os limites da competição que gera hostilidades, deve pensar um educar para a autonomia, consciência verdadeira de sua história sem esquecer o passado e será justamente olhando para ele, que se encontrará a possibilidade de evitar um futuro pior.

A emancipação só se realizaria no momento que o homem se reconciliasse consigo mesmo, pois, dessa maneira, sua própria existência seria potencialmente uma obra-de-arte, a vida seria criativa e artística. Fariam parte dessa reconciliação o respeito à natureza e a conquista da própria autonomia do homem. Um dos caminhos apontados por Adorno, sem dúvida, é a educação, ou melhor, a *formação* do indivíduo. Os indivíduos devem recuperar sua autonomia; para isso, uma educação formativa seria a

¹⁰ “Como pode um mundo tão desenvolvido cientificamente apresentar tanta miséria? Este é o problema central: o confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções ‘racionalis’(...). Assim como o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por encontrar-se vinculado a uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional. Como pôde um país tão culto e educado como a Alemanha de Goethe desembocar na barbárie nazista de Hitler? Caminho tradicional para a autonomia, a formação cultural pode conduzir ao contrário da emancipação, à barbárie”. (ADORNO, 1995, p. 15)

força que teria a capacidade de modificar as relações sociais e devolver a autonomia ao indivíduo.

Em sua obra *Educação e Emancipação* (1971) fica evidente seu posicionamento ao afirmar que o âmbito institucional, em especial a escola, é um dos caminhos que condiciona o homem a essa emancipação. Adorno deixa claro que a mudança em busca da emancipação deve ser elaborada em conjunto com todos os planos de nossa vida, orientando para que a educação “seja uma educação para a contradição e para a resistência” (ADORNO, 1995, p. 182).

A subjetividade, hoje, invadida impede a plena realização da capacidade de julgar e decidir conscientemente. Buscar a emancipação requer a firmeza do eu, a fragilidade em que se encontra o indivíduo deve ser o primeiro ponto a ser observada, por isso o cuidado em modificar as bases de um educar que tende a barbarização. Precisamos fortalecer as identidades, e será também na escola o local para o fortalecimento desse eu, não permitindo que a semiformação seja algo permanente, e sim buscando formas de superá-la e conduzir o aluno a uma formação consciente de seu papel no mundo.

Referências

- ADORNO, T. W. *A indústria cultural*. [1967]. In: Cohn, Gabriel (org.). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986 (coleção Grandes Cientistas Sociais), pp.92-99.
- _____. *Dialética Negativa*. Tradução Marco Antônio Casanova; revisão técnica Eduardo Soares neves Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2009.
- _____. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. Indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- _____. *Minima Moralia: reflexões sobre a vida danificada*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.
- _____. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Soziologische Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.
- _____. *Teoria da Semiformação*. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. São Carlos: Grupo de Estudos e Pesquisa Teoria Crítica e Educação. 2003, 27 pág.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra. 1996
- MAAR, W.L. *A produção da “sociedade” pela indústria cultural*. Revista Olhar, São Carlos, vol. 3, p. 84-107, 2000.
- _____. *Da subjetividade deformada à semiformação como sujeito*. Psicologia e Sociedade, Belo Horizonte, vol. 13, n. 2, p. 92-141, 2001.

PALANCA, N. *Modernidade, educação e alteridade: Adorno, cogitações sobre um outro discurso pedagógico*. Campinas: Faculdade de Educação, 2005 – (Tese de Doutorado).

RÜDIGER, F. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade - Fundamentos da Crítica à Indústria Cultural em Adorno*. 2ª ed. ed. Porto Alegre, RS: EDPUCRS, 2002

SCHMIED-KOWARZIK, W. *Pedagogia dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Recebido em: 08/04/2021

Aprovado em: 06/06/2021